



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

PATRÍCIA NATALI LUNA COUTINHO

**FLEXIBILIZAÇÃO E ALIENAÇÃO: O NOVO INTRINSICAMENTE LIGADO AO
VELHO**

CAMPINA GRANDE
2014

PATRÍCIA NATALI LUNA COUTINHO

**FLEXIBILIZAÇÃO E ALIENAÇÃO: O NOVO INTRINSICAMENTE LIGADO AO
VELHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação de Licenciatura plena em
Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau de
Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Dr^a Waltimar Batista Rodrigues Lula

**CAMPINA GRANDE
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

871 Coutinho, Patrícia Natali Luna
Flexibilização e alienação [manuscrito] : o novo intrinsecamente
ligado ao velho / Patricia Natali Luna Coutinho. - 2014.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Walmir Batista Rodrigues Lula,
Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Filosofia Marxista 2. Filosofia Política 3. Relações de
Trabalho 4. Alienação 5. Flexibilização I. Título.

21. ed. CDD 335.4

PATRÍCIA NATALI LUNA COUTINHO


Flexibilização e alienação: o novo intrinsecamente ligado ao velho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 13/03/2014.


Prof. Dr. Waltimar Batista Rodrigues Lula / UEPB
Orientadora


Prof. Dr. José Nilton Conserva Arruda / UEPB
Examinador


Prof. Ms. Marianne Sousa Barbosa / UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que como eu, acreditam na transformação das relações sociais através do despertar crítico, desenvolvido em salas de aula, nas igrejas, bancos de praça, filas de supermercado ou em canteiros de obra. Acredito sim, nas diversas possibilidades humanas de um mundo mais justo, onde a consciência humana pode ser usada para este propósito.

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento inicial dedicarei a Deus, que em sua infinita bondade concedeu-me a graça de ter acesso ao ensino superior pela segunda vez em minha vida, sabendo que faço parte de uma minoria considerada por muitos como “privilegiada”, em se tratando de um país onde o analfabetismo continua fazendo parte da existência de muitos.

Quero agradecer em especial a duas importantes figuras deste meu caminhar: Minha mãe, incansável incentivadora de tudo que faço, que durante estes cinco anos de curso, ligava todos os dias dando o seguinte recado: independente do cansaço não falte suas aulas, siga firme e forte. Minha orientadora prof^a Dra. Waltimar Rodrigues Lula, que é um presente de Deus para mim, mesmo quando reclama desta minha afirmação. Fomos parceiras em diversos momentos neste período de curso: na primeira nota de Teoria Sociológica, que não foi o esperado e por ela demonstrado ser possível melhorar; na monitoria da citada disciplina; no incentivo para cursar a disciplina capitalismo contemporâneo, como aluna especial do mestrado em desenvolvimento regional; incentivo também para participação no Projeto de Alfabetização de Adultos, parceria entre Governo do Estado e UEPB, onde fui orientada pela prof^a Dra. Iolanda Barbosa da Silva (outro ser humano de valor incontestável em minha vida acadêmica) e na orientação do PIBIC. Este último posso dizer que selou a admiração por minha orientadora: com problemas de saúde e com uma jornada de trabalho apertada, pensei em desistir, e mais uma vez ela disse-me que seria possível, e de fato desenvolvemos nossa pesquisa de maneira extremamente satisfatória. É maravilhoso ter gratidão que pode ser dita de maneira sincera, sem nenhum interesse incluso, pois faz bem para quem agradece e para o que tanto bem nos fez.

Agradeço a minhas amigas de Curso e agora de uma vida: Silvia Teodulino e Roberta Araújo, que em diversos momentos deram exemplos de que amizades verdadeiras existem sim, por isso merecem ser cuidadas.

Por fim, não por uma numeração seqüencial de valor, ao meu esposo e aos meus filhos, que mesmo reclamando à ausência física em determinados horários, em nenhum momento foram obstáculos neste caminhar.

RESUMO

O presente artigo trata da alienação em Karl Marx, encontrados nas obras Manuscritos Econômicos- Filosóficos, de 1844 e em O capital, mas precisamente a alienação na mudança das relações de trabalho ocorrida ao longo dos anos. Na contemporaneidade são identificadas novas formas de alienação, entre elas a flexibilização. No contexto histórico analisado por Marx, as relações de trabalho equiparavam o homem a uma máquina. Com isso, sua consciência estaria totalmente aniquilada. Sendo assim, o homem tem a alienação introduzida em sua vida dentro das suas relações de trabalho, porém ela será estendida a outros aspectos de sua vivência, dentro da engrenagem capitalista, uma alienação levará a outras. Na flexibilização o processo de alienação não enxergará este sujeito como máquina, ele agora será "agraciado" com o privilégio de "escolher" dentro de um modelo flexitempo, como desempenhar seu trabalho junto à empresa que o contrata. Na flexibilização, o trabalhador transferirá uma parte ou a totalidade de seu trabalho para casa. Continuará a ser cobrado por resultados, terá desfeitos laços de convivência com seus pares, verá suas relações sociais e familiares comprometidas pelo trabalho. Com isso, o sistema capitalista, ao longo do tempo não muda o eixo principal de sua existência: o lucro. O que muda são as diferentes maneiras encontradas dentro deste modelo econômico para manter o sujeito em um profundo processo de alienação, seja trabalhando, consumindo ou votando.

Palavras-chave: Alienação. Alienação no trabalho. Flexibilização

FLEXIBILIZAÇÃO E ALIENAÇÃO: O NOVO INTRINSICAMENTE LIGADO AO VELHO¹

PATRÍCIA NATALI LUNA COUTINHO

1 INTRODUÇÃO

Diversos estudos da obra de Karl Marx sobre alienação demonstram as sérias conseqüências que ela traz para o mundo do trabalho, não apenas para o trabalhador, como também para os detentores do capital. Alienação que absolve o pensar crítico dos homens, dissolve suas relações de classe e mais ainda, faz o sujeito não se reconhecer em si mesmo, tornando-o alheio a um sistema que o atinge de maneira efetivamente danosa. Portanto, o objetivo deste trabalho é mostrar a alienação do trabalho nas análises marxistas, evidenciando que na contemporaneidade podemos reconhecer novos modelos de alienação, entre eles a flexibilização. Acreditamos ser uma nova perspectiva de análise, mas perfeitamente coerente com as diversas formas encontradas dentro do modelo capitalista, ao longo de sua existência, para manutenção de relações de trabalho marcadas por mudanças não favoráveis ao trabalhador. A flexibilização seria mais uma delas.

A trajetória de Marx quando de suas análises sobre a alienação está dividida em dois importantes momentos de sua história: antes de seu encontro com Engels e posterior a ele. Marx ocupava-se até então, de analisar a alienação não apenas no universo do trabalho, mas também, na religião, na política e nas relações do homem com a natureza. Tais considerações eram sempre canalizadas para um caminho filosófico e com um caráter humanista. A partir do momento, da leitura do livro *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* (1845), o autor em questão reflete sobre as alienações até então por ele problematizadas: a alienação no mundo do trabalho, capaz de produzir no homem um estado de inconsciência, não só nele em relação as suas condições de trabalho, mas em diversos e importantes aspectos de sua vida.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, sob a orientação da Professora Waltimar Batista Rodrigues Lula.

Com isso, poderíamos pensar que, os seguintes aspectos: religiosos, políticos, relações do homem com a natureza, deixariam de constar em suas análises. Isto não ocorreu, Marx passou a estudar profundamente a relação do trabalho com estes aspectos dentro do modelo capitalista, fazendo crescer mais evidentemente seu espírito crítico amplamente demonstrado em O Manifesto Comunista, escrito com Engels. O encontro dos dois foi marcado por uma reciprocidade de influência, Marx, recebe de Engels o relato de um filho de industrial, que diante da revolta com as relações de trabalho por ele observadas, escreve *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, enquanto Engels encontrará em Marx um caráter transformador, onde a partir deste momento Marx dedica-se ao problema da alienação no trabalho, na religião e na política. Apesar de Marx tratar das diversas formas de alienação, vamos nos delimitar na questão da alienação no trabalho. Na primeira parte, descreveremos a definição de trabalho alienado, como também a apontaremos alguns aspectos da alienação religiosa, política e do capital, a partir dos **Manuscritos econômicos-filosóficos** e de alguns comentadores como, Erich Fromm, Gabriel Cohn, Raymond Aron, Gilson Dantas, Barros entre outros. Na segunda parte do artigo vamos tratar do trabalho alienado e da sua relação com o novo modelo de flexibilização na contemporaneidade. Para tanto foram consultados obras de Marx, e Sennet.

2 ALIENAÇÃO EM MARX: DEFINIÇÃO E TIPOS

Ainda muito jovem, Marx em suas análises, tem a percepção de que o homem era responsável pela transformação do mundo através do trabalho. Esta primeira impressão da relação do homem com o trabalho tratava de um homem natural, ou seja, ações por ele desenvolvidas na natureza, caracterizando um trabalho voltado para transformação não apenas do habitat natural deste homem, como também transformando-o. Mas este encantamento primeiro, do homem que transforma a natureza e transforma a si mesmo, foi substituído por uma constatação que marcara de forma definitiva a obra marxiana: que durante este ir e vir o homem estaria sendo apreendido por um processo de alienação, que para Marx pode ser “estranhamento” e perda de consciência.

Marx também encontrara a sua terrível sombra: a percepção de que este mesmo homem, neste ponto de sua análise multiplicado pela infinidade de indivíduos, também se perdera na história, se “desumanizara” e se “desnaturalizara”; em uma palavra, “se alienara” (da natureza, de si mesmo e de suas próprias criações). (BARROS, 2011, p. 236)

Marx centraliza a alienação como tema das suas análises filosóficas, analisando-a sob diferentes aspectos: religioso, político, na relação do homem com a natureza; do trabalhador como objeto no sistema de trabalho, em relação a sua condição de animal; em relação a outros homens e mais ainda a uma tentativa de desvincular este homem do objeto por ele produzido. Marx define que tudo que for capaz de causar no homem fragmentações, irá conduzi-lo à alienação. Com isso, podemos entender que estes fatores acabam retirando do homem as possibilidades de um despertar crítico, capaz de conduzi-lo a atitudes transformadoras diante de fatos que o inquietem.

Um ponto fundamental dentro da teoria Marxista, quando da análise da alienação é a religião, que para ele, distanciava o indivíduo de uma visão concreta de sua realidade social, como também, causava danos a sua capacidade de pensar, questionar e desenvolver uma efetiva vontade de transformação. Isso fica evidenciado na afirmação “A religião é o ópio do povo”, Esse afastamento da religião dentro da teoria Marxista é ponto estruturante para seu entendimento como teoria materialista, não se trata de considerar ou não o ateísmo de Marx, observaremos que, o materialismo é fundamentado por transformações históricas que tem início nas experiências materiais da existência humana. Materialismo este que vai de encontro ao idealismo hegeliano, que tinha como ponto de partida o espírito, a razão, o mundo das idéias, questionado por Marx no livro **Manuscritos Econômico- Filosófico** (1844): “ Por outro lado, o homem religioso, pode encontrar em Hegel sua última confirmação ” (p. 132).

Porém, segundo Barros (2011) não é a crença em uma divindade que impossibilita compreender a história a partir do materialismo, mas seria delegar ao divino mudanças com poderes transformadores dentro de uma sociedade seria parte de um processo de alienação.

A existência de uma outra realidade - espiritual- não inviabilizaria de modo algum a possibilidade de compreender a história a partir do paradigma do materialismo histórico- desde, é claro, que não pensemos que Deus e os anjos costumam descer a Terra para interferir na história com milagres e mudar o rumo dos acontecimentos. O “materialismo” do materialismo histórico não é, portanto, incompatível nem com deísmo nem com qualquer forma de concepção religiosa. (Ibdem, 2011, p. 233)

Um exemplo de religião convivendo com o Marxismo político, foi Paulo Freire, que assumidamente católico, mundialmente reconhecido por sua pedagogia destinada para libertação política dos homens, através de uma metodologia com caráter do fazer pensar, com autoria de obras como **Pedagogia do Oprimido** (1968) e **Os Cristãos e a Libertação dos Oprimidos** (1979). Por isso é notadamente possível separar o ateísmo de Karl Marx e sua

teoria sobre o materialismo histórico, pois este é fundamentado em uma coletividade, não foi por ele teorizado para análise de cunho pessoal.

Dentro de situações que atingem um coletivo, onde são encontradas crenças diversas, assim como descrenças claras, não será a religião que separará os indivíduos dos fatores históricos inerentes a todos. O que determinará a consciência do homem em favor de uma busca por transformações dentro de uma teoria do materialismo histórico será a capacidade de acreditar que a luta para que mudanças ocorram é comum a todos que fazem parte da grande maioria explorada dentro de um sistema que os enxerga como objeto. Dentro desta perspectiva encontraremos movimentos sociais que surgiram dentro da Igreja Católica, como a Teologia da Libertação, que congregam religiosidade e marxismo em busca de uma igualdade social.

A obra de Marx não pode ficar estigmatizada como a de um Filósofo ateu e avesso a influência da religião na vida dos indivíduos, pois os questionamentos por ele teorizados estão estruturados na crítica a uma lógica religiosa impeditiva do despertar crítico do sujeito para sua realidade material, impossibilitando assim, que por ele sejam desenvolvidas ações de cunho transformador para relações sociais do universo por ele habitado, inclusive as que dizem respeito à transformações políticas.

Marx demonstrou sua crítica à política resultante de uma cultura burguesa em um primeiro momento em sua crítica à filosofia do direito de Hegel. Mesmo reconhecendo o valor da obra hegeliana, considera a efetiva crítica sobre ela a partir de desdobramentos realizados nas categorias que foram por Hegel analisadas, para com isso possibilitar reformulações nas mesmas.

aceita e usa tais conceitos como "sociedade civil" (burgerliche Gesellschaft) ou "propriedade" como eles aparecem no sistema hegeliano, mas apresenta-os numa relação revolucionária com o conceito de Estado. Como resultado, esse conceito sofre uma significativa mudança de sentido. As análises críticas dos conceitos hegelianos de propriedade, sociedade civil, Estado etc. conduzem Marx a uma crítica fundamental das premissas filosóficas de Hegel. (AVINERI, 1970, p.13 apud OLIVEIRA, 2012, p.141)

Assim como tratou da alienação religiosa como algo capaz de comprometer terminantemente a consciência humana, Marx compreende a alienação como um processo de "estranhamento do homem em relação à natureza e a si mesmo" (Marx, Manuscritos), com isso, politicamente este homem, alienado não se vê dentro de um processo político de maneira efetiva. Ele é um observador de ações políticas que lhe dizem respeito, porém, não tem

consciência disto. Destacando que a raiz de todas as alienações reside na alienação do trabalho, pois é ela que diante de um domínio sobre o homem, causa sérios impedimentos para que este atue de maneira consciente em diversos aspectos de sua vida, inclusive em sua dimensão política. Marx demonstrou isso nos Manuscritos econômicos – filosóficos, onde observaremos que os diversos tipos de alienação estão intrinsecamente ligados a um sistema coerentemente por ele analisado, onde nada foi visto separadamente, mas interligados dentro de um modelo sócio- econômico co-dependente desta alienação existir.

Marx designou como verdadeira democracia aquela onde o Estado deixa de realizar seu papel apenas no âmbito da política, criando leis e determinando que estas sejam cumpridas. Na verdadeira democracia, o Estado, a lei, a Constituição irão refletir a existência do homem, passando a ocupar um lugar que lhe confere como que deverá funcionar a serviço do mesmo, que é emancipado e como sujeito das ações políticas tem como produto o Estado e não é produto dele. Para Marx isto eram características de uma política positiva.

Do mesmo modo que a religião não cria o homem, mas o homem cria a religião, assim também não é a constituição que cria o povo, mas o povo a constituição. ... O homem não existe em razão da lei, mas a lei existe em razão do homem, é a existência humana, enquanto nas outras formas de Estado o homem é a existência legal. Tal é a diferença fundamental da democracia (MARX apud OLIVEIRA, 2012, p.155)

Marx faz uma aproximação entre a inspiração filosófica e a crítica sociológica, onde a inspiração filosófica é observada quando da rejeição de uma universalidade do indivíduo, que ficará limitada apenas a ordem política, aproximando-se assim para uma análise sociológica.

A explicação marxista é relativamente simples: ao homem é concedida o “direito” de votar a cada quatro anos, indistintamente, independente da classe social na qual ele esteja inserido, gerando neste aspecto um caráter universal. Porém, a vida deste sujeito não mudará, pelo menos nos aspectos que deveriam, este continuará a receber salários de miséria, será submetido a longas jornadas de trabalho, condições de exploração por parte dos patrões e deste trabalho ganhará apenas um valor que lhe garantirá uma sofrível subsistência. Dentro de um caráter político todos são “iguais”, mas os possíveis resultados deste direito ao voto não irão beneficiar a grande massa de trabalhadores na sociedade capitalista.

Na contemporaneidade, essa relação política não mudou muito. Em diversos países, os indivíduos são convocados de maneira efusiva para exercerem o direito ao voto, em alguns de forma obrigatória. Podemos observar no Brasil por exemplo, que apesar de demonstrarem uma certa “revolta” com a classe política, os eleitores continuam inseridos em um processo de

alienação tão agressivo que alguns comentários retratam tal afirmação: Nenhum político “presta”, na próxima não votarei em ninguém; são todos iguais, então ruim por ruim voto em beltrano ,pelo menos ele favoreceu cicrano,um familiar meu. Muitos são os exemplos de uma maneira de fazer política tendo como base a alienação do indivíduo, que neste processo, vende o voto e com ele sua consciência política, hoje tão terminantemente dilacerada pelos meios de comunicação, a serviço de grupos políticos que os mantêm. Deixando claro que a forte ligação entre política e capital resultará em alienação do indivíduo.

Dentro de um sistema econômico que desenvolve as mais diversas formas de alienação, Marx não exclui deste processo os detentores do capital. Pois por sua obra apresentar um caráter transformador das relações de trabalho, poderíamos entender que apenas os trabalhadores seriam acometidos por esta alienação. Porém, Marx não responsabiliza os que detêm o poder econômico por este mal.

ela é mascarada no regime capitalista; por outro lado, e isso nos interessa ainda mais no presente caso, trata-se precisamente de uma espécie de dominação impessoal, exercida pela totalidade das relações econômicas sobre todos os agentes da sociedade capitalista, inclusive sobre o capitalista, cujo interesse é extrair dos trabalhadores o máximo de sobre trabalho. Também ele não pode ser tido como “responsável pelas relações de que é socialmente criatura”. (GERAS, 2009, p. 195)

Marx demonstrará que apesar de diversos aspectos estarem contidos na alienação, como por exemplo, o caráter que torna o trabalho cansativo e usurpador da força física do trabalhador, são as relações econômicas, desenvolvidas no processo de produção e na troca de mercadorias as geradoras da alienação. Isto se dará não apenas quando o produto é aquele objeto vendido para quem o consumirá, mas ocorre também quando a força de trabalho tem um valor de troca: o trabalhador vende e o patrão paga por ela, gerando um ciclo de alienação que atinge a todos, indistintamente.

Nossos cambistas também descobrem que a mesma divisão do trabalho que os torna produtores independentes torna a marcha da produção social, e as relações por ela criadas, completamente independentes de sua vontade, de maneira que a independência das pessoas umas com relação às outras tem seu complemento obrigatório em um sistema de dependência recíproca, imposta pelas coisas. (MARX apud GERAS, 2009, p. 196).

São as diversas formas de dominação, gabaritadas pela relações sócio- econômicas impostas pelo modelo capitalista às responsáveis pelo desenvolvimento da alienação dentro do sistema. Onde o capital atribui poder social aos que o detêm diante daqueles que não o possuem, e mesmo assim, com a venda da sua força de trabalho consumirão para que este ciclo continue a existir: o capital, através da venda da força de trabalho retorna às mãos do

capitalista, pois em algumas situações o trabalhador consumirá produtos e serviços que o mercado oferece, pelo menos gêneros de primeira necessidade.

Os empresários também são alienados, pois a finalidade das mercadorias de que dispõem não é atender a necessidades realmente sentidas pelos outros, mas são levadas ao mercado para obter lucro. O empresário se torna escravo de um mercado imprevisível, sujeito aos azares da concorrência. Explora os assalariados, mas nem por isso ele é humanizado no seu trabalho, pelo contrário, aliena-se em benefício de um mecanismo anônimo. (ARON, 1995, p.162)

Nenhum indivíduo, por mais revolucionário que seja, sendo integrante de um modelo econômico como o capitalismo, dificilmente ficará fora do processo de alienação que este produz. Somos "enfeitiçados" para o consumo, independentemente da situação sócio-econômica que nos atinge, a própria engrenagem capitalista nos conduzirá ao desejo de possuir cada vez mais, seja por imitação ao outro ou pela necessidade de aceitação dentro de determinado grupo social, consumiremos sim, quer sejamos trabalhadores de um salário mínimo, ou grandes empresários detentores de um capital considerável economicamente falando. Isto fica evidente em um passeio aos shoppings, quando não estão para comprar, os indivíduos passeiam, "alimentam" suas almas através do contemplar das vitrines, fazendo daquele espaço um lugar de adoração, que precisa ser visitado regularmente. Para isso, as vitrines são atrativas, concorrem entre si os empresários para oferecerem as mais atraentes aos olhos do consumidor, que enxergam naqueles lugares verdadeiros "altares"

3 TRABALHO ALIENADO E FLEXIBILIDADE...

Nas análises Marxistas, quando o filósofo compara o trabalhador com uma mercadoria dentro do modelo capitalista, onde o sucesso retratado pelo lucro é resultado de uma vivência deplorável e miserável do trabalhador, podemos entender a flexibilização como uma alternativa a mais para que este trabalhador continue sendo um valor de troca dentro do sistema.

Se no contexto histórico descrito por Marx era evidente a separação entre os que possuíam propriedades e os que não as possuíam, entenderemos que dentro do modelo flexível as divisões são feitas pelas diversas formas encontradas pelos detentores do capital para que seus custos sejam minimizados e com isso, esse trabalhador será sempre conduzido a um processo cada vez mais nocivo de mudanças.

Sendo o sistema capitalista algo comparável a uma teia, podemos identificar diversas situações que surgem no decorrer de todo um processo. Para que o lucro das empresas esteja seguro quem terá obrigatoriamente que passar por um processo de adequações será este trabalhador, que não será consultado sobre o que tais mudanças representarão em sua vida. O sistema o fará “entender” que o tudo é um só, ou seja: capital, lucro, crescimento das empresas e trabalhador estão dentro de um processo que todos “ganham”, não há prejuízo para nenhuma das partes.

Neste aspecto, entenderemos que a análise de Marx em relação ao trabalho alienado continua dentro da contemporaneidade muito mais agressiva, pois torna-se um componente aparentemente “abstrato”, pois quando pensamos em flexibilização, podemos entendê-la como algo que beneficiará o trabalhador, livrando-o de uma rotina de trabalho desenvolvida dentro de uma empresa. E isso a torna praticamente imbatível, pois se dentro de um processo de trabalho fabril, onde os trabalhadores desenvolvem suas atividades lado a lado, a probabilidade de um “despertar” coletivo para situação de exploração, era dentro daquele contexto mais provável.

No entanto, como vislumbrar na contemporaneidade, mas precisamente, com as diversas maneiras de flexibilizar as relações de trabalho, a possibilidade de uma formação entre os trabalhadores de uma consciência de classe? Não pretendemos aqui responder como se dará essa consciência de classe, mas tratar da alienação neste processo.

Para Marx, se o homem busca satisfizer sua paixão alienada, ele em sua totalidade permanece insatisfeito, perdendo a sensação de si mesmo, como pessoa total e viva. Marx acreditava que a consciência do homem é, em grande parte, “uma consciência falsa”. O homem tem a certeza da autenticidade dos seus pensamentos, que são resultados de seu raciocínio, mas para Marx, esses pensamentos resultam de forças objetivas que funcionam à sua revelia. São forças históricas, econômicas e sociais, que determinam o ser, como também sua consciência.

Com isso, observaremos que o tornar-se flexível analisado dentro do que determina a consciência em Marx, não pode ser definido como algo natural ao homem, que o “dobrar” da flexibilidade, na etimologia da palavra não poderá ser aplicado à flexibilização do modelo capitalista, pois forças econômicas e sociais são responsáveis pela inserção de “novas” formas de exploração dentro do modelo econômico aqui questionado. Não é “natural” que este ser em sua consciência queira fazer parte desta flexibilização.

Dentro de um sistema econômico que busca incansavelmente o lucro, observamos que o sujeito começa a ser modelado dentro de uma hierarquia, que determinará seu comportamento diante dos outros, ou seja, sua existência social. Com isso, dentro de uma empresa que tem como base de funcionamento a produção em larga escala de automóveis, o sujeito começa desenvolvendo atividades na montagem e gradativamente (observados todos os requisitos para que isto ocorra), irá por diversas vezes, passar por mudanças de cargo. Essa mudança, não se dará apenas dentro de um espaço físico da indústria. A cada nova função por ele ocupada, uma nova forma de pensamento e comportamento lhe será imposta, evidenciando então, o poder do sistema econômico e social na consciência deste sujeito.

O único motivo que determina o possuidor de um capital a empregá-lo, seja na agricultura seja na manufatura, ou num ramo particular do comércio por atacado (em gros) ou varejista (em détail), é o ponto de vista do seu próprio lucro. Nunca lhe vem à mente calcular quanto trabalho produtivo todas essas diversas espécies de aplicação põem em atividade ou quanto é acrescentado em IIVI valor ao produto anual das propriedades agrícolas e (ao produto anual) do trabalho de seu país. Smith, t, II, p. 400-401. (MARX, 2010)

A sua consciência, passa a ser determinada pela função por ele ocupada, pelos ambientes sociais que este indivíduo irá frequentar. Ficará para traz, vivências compartilhadas com seus pares em relação aos problemas decorrentes como ator principal de um processo de montagem. Ele não se enxergará mais naquele espaço, o seu universo foi transformado, assim como sua consciência. Os membros ocupantes de determinados setores, enxergam as mudanças como algo que trará benefício não apenas a empresa, mas serão estes estendidos aos “colaboradores”. Essa forma de “entender” não é natural ao homem, ele estará sempre, dentro do modelo capitalista a ter sua consciência passando por reformulações e adequações.

4 FLEXIBILIZAÇÃO: O NOVO INTRINSICAMENTE LIGADO AO VELHO

Para um melhor entendimento de uma palavra que nos últimos tempos do capitalismo tem sido constantemente citada, procuramos localizar na literatura mundial de onde vem sua origem. Richard Sennet, em seu livro a corrosão do caráter, analisa o surgimento do termo “flexibilidade”, com bases históricas de sua primeira utilização:

A Palavra “flexibilidade” entrou na língua inglesa no século quinze. Seu sentido derivou originalmente da simples observação de que, embora a árvore se dobrasse ao vento, seus galhos sempre voltaram à posição normal “flexibilidade” designa capacidade de ceder comportamento humano flexível deve ter a mesma forma tênil: ser adaptável a circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas. A sociedade

hoje busca meios de destruir os males da rotina com criação de instituições mais flexíveis. As praticas “flexibilidade”, porém, concentra-se mais na forças que dobram as pessoas. (Sennet, 1999, p. 53).

Quando entendemos a palavra “flexibilidade” como algo que mesmo quando colocado de um lado para outro, terá condições de voltar para onde originalmente estava sem ser quebrado, percebemos que, dentro do modelo capitalista isto não é possível ocorrer sem que o trabalhador sofra conseqüências difíceis de reparação.

Dentro das características que podemos observar nesse processo de mudanças propostas pela flexibilidade, encontramos a especialização flexível, que tem como uma das formas de atuação e colocação de produtos mais variados no mercado está voltada para um processo que serve a alta tecnologia. Outra característica é a concentração sem centralização, aparentemente, levasse a crer que iríamos encontrar os menos favorecidos beneficiados por serem donos de suas próprias atividades. Neste modelo o vínculo entre os trabalhadores de determinadas empresas inexistente, pois com a flexibilização das relações de trabalho, uma grande maioria, não chega a uma aproximação presencial. Com isso, a possibilidade de uma classe trabalhadora organizada no sentido de desenvolvimento de uma consciência de classe, torna-se impossível, fragilizando definitivamente as relações de trabalho. Quando se trata de jornada de trabalho, flexitempo, o dia trabalhado é composto por pessoas trabalhando em horários diferentes, de maneira individual. Aparentemente esse encaixe de horários concede ao trabalhador um “afastamento” da monotonia, formada por uma rotina de um cumprimento determinado por uma carga horária. Porém, a realidade nos mostra que esse flexitempo consome do trabalhador muito além do que lhe foi apresentado.

A programação flexível do tempo é mais um benefício concedido a trabalhadores favorecidos, diz a analista administrativa Lotte Boly, do que um direito trabalhista é um benefício distribuído de maneira desigual e estritamente racional. Isso hoje se aplica aos Estados Unidos; outros países estão chegando a pratica americana.” (SENNET, 1999, p.68)

Então, entendemos que essas mudanças é a forma de controlar o sujeito no trabalho, mas o que está inserido nesta flexibilização são mecanismos de controle que aprimoram-se para garantir que um processo de alienação.

Se dentro da ótica de Marx na análise do processo de alienação do modelo capitalista, o sujeito é explorado para produzir bens de consumo e mesmo assim, também é um individuo

que deseja consumir diversos produtos gerados pelo desejo. A flexibilização no modo de trabalho também passa a ser um fetiche de muitos.

Neste modelo de capitalismo, o indivíduo tem enormes possibilidades de dar certo. A partir de jornadas cada vez mais longas de trabalho, inúmeras palestras e cursos motivacionais só não conseguem alcançar o ápice profissional quem “não quer”.

Quando novas formas de trabalho nos são apresentadas, somos tentados por diversos motivos a imaginarmos que o trabalhador terá enfim, uma maneira mais humana de desenvolver suas atividades. E se a palavra utilizada para denominar uma dessas formas é flexibilização, pode soar como algo extremamente positivo. Diante de um mercado de trabalho duramente competitivo, fica difícil enxergar que o chamado flexitempo não será benéfico ao trabalhador. Mas a prática tem demonstrado que a manipulação e alienação deste trabalhador tornam-se mais sufocante ainda, pois direitos adquiridos dentro do trabalho tradicional são retirados, como também atividade desenvolvida em casa retira do indivíduo momentos que lhes são de muita relevância enquanto ser humano, como desenvolver um diálogo familiar ou até mesmo disponibilizar o final de semana para um lazer.

Marx fez análises sobre a alienação em diversos aspectos dentro do mundo do trabalho: alienação da relação do que o trabalhador produz e não consome; alienação no processo efetivo da produção, mas observaremos que a alienação não é apenas resultado de todo um processo do universo do trabalho no modelo capitalista, ela é trabalhada no inconsciente deste trabalhador, para que em todas as etapas do processo esteja instalada. Isso também ocorre no processo de flexibilização, ela não chegou como regra, foi sendo instaurada gradativamente, mostrando-se como algo positivo. Afinal, o trabalho rotineiro de uma empresa estaria passando por um processo de esgotamento e a possibilidade de fazê-lo de uma forma diferente torna-se atrativa.

A flexibilização no trabalho contemporâneo tem como forte aliada à tecnologia. Assim como o trabalhador tem sua consciência transformada para que mudanças ocorram, o desenvolvimento tecnológico é também conduzido por esses ventos. Tarefas são realizadas e compartilhadas por trabalhadores de diversas partes do mundo, em apenas um clique. Isto para os que neste processo estão inseridos, aparentemente, demonstra desenvolvimento e resultados rápidos. Com o avançado desenvolvimento dos programas e softwares adquiridos pelas grandes empresas, os trabalhadores podem ser substituídos sempre que esta achar necessário, pois outros podem ser treinados para fazê-lo. Prevalece à política da valorização

dos executivos do mundo tecnológico, ao trabalhador que pertence a outra ponta, resta-lhe como objeto descartável dentro do sistema, inúmeras tentativas de alcançar a velocidade da tecnologia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos neste trabalho aspectos relacionados à alienação dentro da teoria de Karl Marx, como também desenvolvemos uma relação da flexibilização no trabalho como uma nova forma de reproduzir a alienação entre os trabalhadores.

Nossa proposta partiu da observação das evidentes formas encontradas dentro do sistema capitalista para que seja mantida sua essência da exploração e alienação no trabalho, onde este trabalhador será sempre visto como uma mercadoria que ocupará um lugar que o modelo em questão achar conveniente para manutenção do seu principal objetivo, segundo Marx: o lucro.

Diante das mudanças que o modelo capitalista impõe pontuamos as diversas formas de alienação na teoria marxista: alienação religiosa, política e do capital. Identificamos que Marx quando de suas análises relata-nos que o processo de alienação do homem nasce nas suas relações de trabalho. Este homem estaria livre de ser alienado quando de sua vivência pré-histórica, pois dentro deste contexto vivia em estado natural, ou seja, desenvolvia um trabalho totalmente voltado para sua subsistência, distante de alguns aspectos que alimentam o processo de alienação: troca de mercadorias, venda da força de trabalho, domínio dos detentores do capital. A partir do momento que estas relações são inseridas na vida do homem, instala-se o processo de alienação, que passa a determinar o comportamento humano e manipulará suas ações políticas, econômicas e sociais.

Na contemporaneidade mudanças fazem parte das relações de trabalho dos indivíduos, observamos que o sujeito é levado a acreditar que será beneficiado por tais mudanças. Com a flexibilização, isto também ocorreu. A priori, horários flexíveis, desenvolvimento do trabalho em casa, como também realizá-lo através de avançados tecnológicos mostravam-se atraentes para o trabalhador. Porém, o que tem mostrado a prática do chamado flexitempo são indivíduos inseridos em um processo de coerção semelhante ou até mais forte que o tradicional.

Neste trabalho conseguimos demonstrar que a flexibilização é uma nova forma de alienação observada de forma clara e efetiva nas relações de trabalho na contemporaneidade, pois retira do indivíduo possibilidades que poderiam conduzi-lo a formação de uma consciência, seja no âmbito das suas relações de trabalho ou nas ações políticas necessárias para que seja ele sujeito principal do mundo em que vive.

O indivíduo dentro da flexibilização não terá oportunidade de pensar o seu meio de trabalho, compartilhando angústias que são inerentes a ele, pois o modelo flexitempo é um impedimento real da criação de laços entre os pares, como também, compromete efetivamente as relações sociais e familiares deste homem, tornando-o um ser acometido por uma apatia que o impedirá de desenvolver um senso crítico, imprescindível para uma vivência de caráter transformador.

REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. Karl Marx. In: _____. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. 4ª Edição. Martins Fontes: São Paulo, 1995, p. 129-204.

BARROS, José D'Assunção. **O conceito de alienação do jovem Marx**. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. São Paulo: Ed. USP, v. 23, n. 1, 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a11.pdf>>. Acesso em: 03 de Março. De 2014.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Jorge Zahar Editora: Rio de Janeiro, 2001, 454 p.

DANTAS, Gilson. **Breve Introdução ao O Capital de Karl Marx**. Brasília: Ícone Editora e Gráfica, 2008, 118 p.

FROMM, Erich. **Meu Encontro com Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 6ª Edição, 1975, 162 p.

GERAS, Norman. Essência e aparência: a análise da mercadoria em Marx. In: COHN, Gabriel. **Sociologia - Para ler os clássicos**, Azougue Editorial, 2ª Edição, 2009, p. 189-221.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos – filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 1ª Edição, 2010, 169 p.

OLIVEIRA, Renato Almeida de. **Crítica de Marx ao formalismo político: o estranhamento do ser genérico do homem no estado democrático-burguês**. Cadernos de Ética e Filosofia Política, São Paulo: Ed. USP, Número 20, 2011. Disponível em: www.revistas.usp.br/cefp/article/download/55982/59356. Acesso em :02 de Março. 2014.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter - as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 14ª Edição, 1999.